

Luiz Inez Porto - Maio 1956 16



Universidade e Vocação Feminina

Introdução

Ao equacionarmos os problemas que constituem a vocação universitária feminina não podemos deixar de definir dois parâmetros fundamentais: um, a instituição Universidade, nos seus objectivos e na sua realidade actual; outro, a vocação feminina, integrada na perspectiva da vida humana e do seu sentido autêntico e profundo.

E vamos analisar estes dois conceitos seguindo essencialmente a teoria. Não faltam em nossos dias os que a todo o custo reclamam a doutrina assente exclusivamente nos factos, deixando de lado as questões de fundo que consideram sem interesse prático. Ignoram (ou esquecem) dois factos importantes: as próprias ciências exactas que são de todas as ciências as menos teóricas (neste sentido que só têm significado quando apoiadas na realidade) estão bem longe de se construírem a partir de factos unicamente. Há quase sempre no seu processo genético uma hipótese teórica arrojada que a experiência depois confirma. Mas é mais fácil (porque é mais cómodo) aceitarmos o mito da maçã de Newton a traçar no espaço com a fulgurante evidência do seu peso, a lei geral dum campo de forças gravitacional ... O outro facto que esquecem os teóricos dos factos é que para tirar uma lei duma sequência de n casos é necessário que n seja um número muito grande, estatisticamente representativo do conjunto a que pertence. Ora muitas vezes $n = 1$. A experiência pessoal pesa então excessivamente nas teorias que formulamos.

Definidos os pontos de apoio de tudo o que vamos dizer e o método que vou usar, entro imediatamente no tema desta sessão.

No que se refere ao primeiro ponto, a Universidade, limito-me a sintetizar as ideias fundamentais sobre o tema da educação superior pois não há hoje controvérsia a esse respeito e toda a gente, em todas as partes do mundo, e em todas as ideologias é unânime em reconhecer à Universidade determinados fins e em atribuir-lhe uma missão muito especial entre as demais instituições.



Analisarei com mais detalhe o segundo ponto por me parecer necessária uma síntese, só possível quando são conhecidos todos os elementos que a integram.

Fundação Cuidar o Futuro



II - Missão da Universidade

Não oferece dúvida a ninguém a afirmação de que a "Universidade é uma instituição dedicada à preparação de futuros dirigentes da vida social, bem como à conservação, aprofundamento e irradiação do saber". No exercício desta dupla missão que toca nas mais fundas raízes da sociedade (pois envolve a um tempo as ideias que a orientam e os chefes que a essas ideias dão vida e realidade humana e institucional), a Universidade desenvolve e aperfeiçoa uma elite cujas responsabilidades são múltiplas e determinantes da evolução dos povos. Constituindo durante e após a formatura a própria Universidade (entendida no sentido dinâmico como o conjunto de todos os que em qualquer tempo e lugar se dedicam ao estudo da Verdade nas suas variadas implicações concretas) os diplomados estão em condições de prolongarem pela sua acção directa imediata, a missão que cabe à Universidade na sua forma institucional. A eles caba (com a Universidade) - e tal como se concluiu no I Congresso da Juventude Universitária Católica - "estudar as necessidades actuais do país e procurar-lhes as soluções tecnicamente mais adequadas e doutrinariamente mais sãs; criar valores culturais autênticos e novas direcções de vida para os homens; contribuir decisivamente para a eliminação das diferenciações sociais injustas, adoptando critérios de selecção que não se baseiem em considerações de ordem económica ou em razão de classe; trabalhar pela aproximação entre os povos, através do intercâmbio para o progresso da ciência e da expansão dos mais altos princípios da cultura". E não só as comunidades naturais esperam dos universitários esse trabalho de orientação e de procura das formas mais perfeitas do bem comum. Também a Igreja lhes assinala, entre todos, o dever de fornecerem "a base sólida de conhecimentos profanos experimentados" (Pio XII) que a elaboração sempre renovada da Teologia reclama em cada época.

Das exigências de uma tal missão decorrem dois corolários evidentes:

- a Universidade tem a seu cargo um trabalho de preparação dos universitários que excede largamente o âmbito estreito em que a ultrapassada escola tecnicista a colocava. Não lhe basta



a preparação prática para o exercício duma determinada profissão sendo esse, aliás, um aspecto secundário da sua actividade formativa. Cabe-lhe sobretudo formar gente capaz de assimilar os conceitos fundamentais e de a partir deles construir teorias e deduzir aplicações concretas. É de tal modo premente esta necessidade que a respeito da mais técnica das profissões (a engenharia) no mais técnico dos países (os Estados Unidos da América) afirmou recentemente o Prof. Kolthoff que "o nosso tempo precisa de teóricos e não de técnicos" e que "um curso incidindo sobre a parte experimental sem os princípios teóricos não pertence a um curriculum universitário", "tornando-se cada vez mais necessária uma educação baseada na teoria fundamental". A Universidade tem pois de atender a uma formação não já de técnicos com maior grau de aperfeiçoamento mas de homens cultos cuja cultura se insere numa sólida estrutura científica. E, pela própria exigência da cultura, tem de formar homens capazes de se determinarem livremente e segundo a recta justiça. Para isso é indispensável que dê a cada estudante, como se definiu no XXII Congresso Mundial de Países Romanos, "uma visão do homem e das coisas em que a verdadeira escala dos valores seja garantida e que, ao mesmo tempo, seja bastante firme para resistir a todas as tentações ideológicas que o podem seduzir e suficientemente maleável para acolher e integrar todos os progressos e todas as criações autênticas do espírito".

O segundo corolário decorre da missão dos universitários e é que eles não podem ser indiférentemente escolhidos nem seleccionados por critérios mais ou menos arbitrários. Só estarão em condições de assimilar e de fazer render totalmente a preparação que cabe à Universidade fornecer-lhes ou de a suprir, quando a instituição se revela deficiente ou mesmo intrinsecamente deformada, aqueles que naturalmente possuam um conjunto de possibilidades intelectuais e morais susceptíveis de se desenvolver e de os colocar entre a elite que dirige os povos. (Abro um parêntesis para acentuar que a deficiência da Universidade não pode nunca ser uma justificação para a incapacidade que se forja na ausência de esforço pessoal, de reflexão e de trabalho. Para além da maior ou menor perfeição da Universida-



de, a sociedade reclama os chefes de que precisa. E reclamá-los-á tanto mais quanto mais a civilização progredir e novos caminhos se abrirem à actividade e à reflexão dos homens).

Não devia ser pois objecto de escândalo que a Universidade recusasse no seu seio a presença dos incompetentes ou dos des-honestos. Devia ser-lho pedido como um dever inadiável. E os verdadeiramente capazes (ainda que só potencialmente), esses só deviam poder preparar-se para dirigir, que o mesmo é para melhor servir os outros homens.

Fundação Cuidar o Futuro

III - A Vocação feminina

Importa ver como se define e que sentido tem a vocação da Mulher. A sua missão essencial no mundo não pode ser encarada senão à luz do simbolismo da sua existência. É esse simbolismo que vou rapidamente esboçar para daí concluir a missão da mulher no mundo moderno.

Antes do mais, quero analisar um traço quase "metafísico" e que ressalta da interpretação dos textos sagrados relativos à criação do homem. Depois de ter criado Adão e lhe ter dado todas as coisas e todos os seres que povoam a terra, Deus disse (II, 18): "Não é bom que o homem esteja só. Façamos-lhe umz companhia que lhe seja semelhante e que seja para ele ajuda". E então Deus criou a mulher. "Não é bom ...", isto quer dizer, parece-me, que não é bom para a ordem, a beleza, a harmonia do Universo que o homem esteja só. Deus cria segundo o seu pensamento, segundo um plano estabelecido. E quando Deus diz que "não é bom" parece dizer que a Criação não está acabada, que o pensamento divino que a tinha concebido, não se tinha ainda realizado. A mulher aparece assim, como o elemento final desta imensa obra criadora, o ser necessário para harmonizar o Universo das coisas criadas com a ordem divina.

A presença da mulher, considerada em si mesma, vem dar acabamento, perfeição a todos os seres. Mas este símbolo só adquire o seu sentido pleno quando referido ao homem. Porque o próprio Deus reconhece que "não é bom que o homem esteja só". O ser humano não está completo sem a metade feminina. Tal é o sentido da exclamação alegre de Adão quando Deus lhe traz Eva: "Eis aqui agora o osso dos meus ossos e a carne da minha carne". A mulher é pois o complemento do Homem. (E não só no diálogo biunívoco que o matrimónio estabelece entre duas pessoas bem determinadas; mas essencialmente no diálogo entre duas metades da Humanidade). Pela mulher todo o universo criado, incluindo o homem, é inserido completo, perfeito, na ordem de Deus.

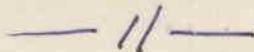
Este símbolo que cada mulher figura tem a sua realidade objectiva e total na Virgem Maria. Com efeito, Cristo incarnou para integrar de novo na vida sobrenatural a vida humana diminuída pelo pecado. Maria, destinada desde toda a Eternidade, a





ser a Mãe do Verbo Incarnado, permite, pela sua aceitação, que a ordem seja de novo estabelecida no Universo. Aí se totaliza a vocação essencial da Mulher. A atitude especificamente feminina de Maria é a mais profunda e a mais completa. Estende-se a todas as criaturas, de todos os tempos e de todos os lugares, e atinge-as na sua própria essência porque, por um lado, ela é condição da sua existência (é a primeira entre todas as criaturas) e, por outro lado, lhes dá mais do que a vida, visto que lhes dá a possibilidade da Redenção.

Por este simbolismo essencial, por esta atitude de correspondência a um plano divino; a mulher é, como pretende Claudel, a resposta obediente de todas as coisas ao apelo de Deus; ela é o símbolo mais acabado, mais perfeito da criatura em face do Criador.



A * Enquanto o homem vive o símbolo do próprio Deus, reproduzindo-o, de certo modo, no acto da criação, a mulher representa perante Deus (e perante o homem) toda a criação. Daí a riqueza de ser que há na virgem consagrada a Deus - que na sua consagração envolve todas as coisas que nela ganham voz e alma para louvarem a Deus. Daí também a mensagem que a mulher traz ao homem - por ela se revela toda a beleza dos seres e das ideias.

Por essa diferença fundamental, o homem está mais directamente ligado a Deus na explicação das ideias e na realização dos acontecimentos, na iniciativa da acção, multiplicando-se em cada instante na actividade criadora. A mulher realiza à sua escala a tonalidade feminina da resposta da Virgem ao Anjo "Fiat Mihi ..." faça-se em mim. Estas palavras são certeza de potencialidades, são espera activa, aceitação consciente dos mistérios que nela se vão realizar. Como nota Suzanne Nouvion, "o sim livremente consentido é a sua forma de actividade mais intensa". A sua iniciativa é acolhimento, é receptividade operante.

É essa receptividade que lhe põe o espírito em atitude de disponibilidade e de abertura. Supõe que a mulher quando se dá, se liberta de si mesma, para se deixar habitar por um outro. Esta mesma atitude **caracteriza** a atitude religiosa da alma humana: o drama do homem não é mais do que a luta para dizer



sim a Deus. Por isso Edith Stein atribuiu à mulher a salvaguarda dos valores religiosos no mundo. E como diz Corção quando a mulher se liberta dessa característica fundamentalmente não compromete só o modo de ser feminino: o mundo então transforma-se numa caserna ou num hospício.

É esta atitude de disponibilidade e de oferenda que prepara na mulher a dádiva maior que é também a missão fundamental: a maternidade. Recebe, gera e dá-essa é a triologia base do seu destinos.

Aceita, recolhe em si a palavra de Deus, as ideias, os princípios da vida humana; no silêncio da sua alma ela gera-os, tornando-os mais humanos, mais verdadeiros, mais vividos; e termina por dá-los dando-se a si própria. É pela maternidade que a mulher realiza a sua vocação de complemento da Criação, dando acabamento e vida às almas e às ideias.

É evidente que a missão da mulher não pode limitar-se à maternidade física, como habitualmente se julga. A maternidade física, fundamental para a espécie humana, não esgota toda a missão maternal de cada mulher. Como todos os valores humanos, a vocação maternal é sobretudo uma atitude do espírito. O que verdadeiramente caracteriza cada mulher é a realização da maternidade espiritual, não sendo a maternidade física senão o suplemento que é pedido à maioria para o bem da espécie.

A maternidade espiritual realiza-se em relação às almas e às ideias, dirigindo-se ao mesmo tempo ao homem e ao pensamento (ou à cultura). Exige a renúncia, a dedicação, o amor, a misericórdia, o respeito imenso pela pessoa humana do mesmo modo que supõe o amor da Verdade, a humildade intelectual, a assimilação de todos os valores culturais que estão implicados nas formas concretas da vida.

É claro que um estudo profundo e completo sobre toda a problemática da vocação feminina exigiria paralelamente um estudo sobre a vocação masculina, pois só na Pessoa humana completa podemos encontrar a resposta para o destino de cada um. No entanto parece-me indispensável acentuar que se a feminilidade ou a masculinidade são largamente marcadas pelo sexo, ultrapassam-no e interpenetram-se em cada caso individual. A feminilidade e a masculinidade na sua essência são duas rea-



lidades espirituais que transcendem o sexo. O tempo de que disponho não me permite traçar aqui todo o perfil da vocação masculina.

Já S. Tomás distinguia no pensamento duas potências intelectuais: ratio, que é qualquer coisa de masculino, a traduzir-se no pensamento lógico e discursivo; intellectus, que é qualquer coisa de feminino, feita de conhecimento mais intuitivo do que discursivo. O princípio masculino do espírito é responsável pela iniciativa na acção, pela imaginação criadora, pela crítica rigorosa dos dados. O princípio feminino revela-se no momento em que a alma adera à Verdade, na submissão do espírito, na humildade intelectual. A vida intelectual exige necessariamente o diálogo permanente entre o pensamento racional e o conhecimento intuitivo. E toda a obra verdadeiramente humana nasce e transmite-se informada dos dois princípios, masculino e feminino. Não importa para tal que seja um homem ou uma mulher a realizá-la. Mas a Pessoa humana total na sua plenitude, exigindo a harmonia das duas forças complementares, toma corpo através do condicionamento da realidade diferenciada que é um homem ou uma mulher. Por isso quanto mais o homem ou a mulher permanecer fiel aquilo que o diferencia (a masculinidade ou a feminilidade) tanto mais profundamente pode ser pessoa e portanto realizar-se da forma humana mais completa.

É por isso que ao falar sobre a vocação maternal da mulher não se pode deixar no silêncio a vocação específica do homem. E essa é sem dúvida uma vocação paternal. Se ele reproduz Deus Criador, reproduz Deus Pai que cria, ama, dá força, governa, premeia e castiga. O mundo só estará vivendo em perfeito equilíbrio quando o homem e a mulher tomarem plena consciência da missão específica que lhes cabe. (É tão errado a mulher sobrepor à maternidade outros valores, como o trabalho ou o divertimento, como é errado o homem antepor à paternidade, a ambição, o poder, ou até, um excessivo zelo profissional que o polariza num sentido que não é o autêntico).

É evidente que tudo o que tenho vindo a dizer supõe que o homem e a mulher se situam no mesmo plano de dignidade perante Deus e perante a sociedade. Perante uma assistência menos esclarecida, diria em que se fundamenta essa igualdade. Neste caso, limito-me a afirmar com Sertillanges e contrariamente ao



que com a maior comodidade pensam praticamente todos os bons burgueses deste planeta "que a mulher é pessoa por si própria, ela não é feita para o homem, tem um destino próprio (e pela mesma razão ela não é feita para a família neste sentido de que ela não teria outra razão de ser senão procriar e educar crianças)". Não há de facto nenhuma razão lógica para se dizer que a mulher é feita unicamente em função da vida de família; seria o mesmo que dizer que a mulher não tem o direito de ser, que é apenas em função do homem. Isso é contrário não só ao direito natural como à experiência, e, em última análise, à Revelação segundo a qual "não há para Dues nem cristão nem gentio, nem homem nem mulher, mas todos são um em Jesus Cristo".

Fundação Cuidar o Futuro

IV - A vocação universitária feminina

É o momento de nos perguntarmos **como** se enquadram estas duas vocações: vocação universitária e vocação feminina. Por via do carácter de totalidade que ambas revestem, não se pode tratar de uma relação formal. Nem tão pouco alguma coisa nos permite dizer que sejam incompatíveis. É uma síntese que devemos procurar. Com efeito definimos a Universidade de tal modo que a vocação universitária surge, no plano pessoal, como um imperativo ao serviço e irradiação da Verdade, à transmissão da cultura por amor dos outros homens. Ora aí radica também a vocação feminina, na concretização da missão maternal autêntica. Logo, a mulher universitária está duplamente ligada a essas exigências fundamentais e, portanto, uma vez entradas as portas da Universidade, ela será tanto mais feminina quanto mais universitária fôr. A Universidade não pode significar para a mulher senão uma possibilidade mais profunda e mais lata de realizar a missão maternal a que é chamada. Enquanto universitária a mulher pode desempenhar na cultura um papel de criação mas tal atitude não atinge, como exigência essencial, o fundo da sua personalidade. Nesse aspecto a sua contribuição é só especificamente feminina na medida em que é realizada por uma mulher. (É claro que me refiro aqui às grandes criações culturais - científicas ou artísticas - e não à atitude de criação que há em qualquer trabalho intelectual bem orientado). Mas, enquanto mulher, a sua missão perante os valores culturais descobertos e transmitidos na Universidade deve ser essencialmente maternal: recebe-los, assimilá-los a si, dar-lhes a sua própria alma e transmiti-los aos outros. Por isso qualquer atitude que se desvie deste rumo de vida - fechar-se em si própria, emparedar a cultura que adquire nos muros do egoísmo e da satisfação pessoal, viver a cultura pela cultura, ou passar indiferente e inútil por ela sem a aproveitar e sem a utilizar no serço de Deus e da humanidade - tudo isso é traição à missão que lhe cabe na economia dos valores espirituais.

A vocação universitária traduz sobretudo uma atitude do espírito perante a Verdade e perante a vida social. Definindo-se como o primado do essencial a vocação universitária supõe





uma escolha das ideias segundo uma escala de valores bem aferida e a aquisição duma metodologia bem definida. Entendida assim, a vocação universitária não pode senão conduzir ao enriquecimento da vocação feminina. Anos de estudo passados na Universidade na busca de ideias globais, de relações de causa a efeito entre os seres, os factos, as ideias, têm consequências palpáveis na vida psicológica: a rapariga na Universidade forma a inteligência, libertando-a de preconceitos inúteis e de métodos falsos; adquire a possibilidade de pensar por si própria e de compreender, criticar e escolher as ideias, de estudar racionalmente os problemas e de lhes encontrar as soluções adequadas; do hábito de conhecer objectivamente os factos, aprende a controlar melhor a sensibilidade, purificando-a. Desenvolve a maleabilidade na adaptação a condições novas para as quais não foi especialmente preparada, a disciplina e o exercício da vontade, o amor do trabalho metódico e planeado, a paciência e a perseverança no meio das dificuldades, o alargamento da atitude intelectual pela sujeição da acção imediata e espontânea aos planos de conjunto, reflectidos, e a longo prazo. A vida universitária dá-lhe o conhecimento real e concreto da hierarquia dos valores, ensina-lhe aquilo que na vida vale a pena, dá-lhe o gosto duma vida dura.

Ora a cultura fornecida na Universidade tem quase sempre o carácter imediato de preparação para o exercício de uma profissão, ou pelo menos de aquisição de uma certa estrutura de pensamentos que o "background" científico de cada curso necessariamente deve fornecer. Isto põe um novo problema que é o de saber se a especialização ou o exercício de determinada profissão são compatíveis com a vocação feminina. E de novo a resposta pode ser afirmativa desde que a aquisição de uma cultura de base especializada (e é caso para perguntar se há cultura autêntica nos nossos dias que não seja uma cultura atingida através dos valores humanos presentes em cada ramo do conhecimento), desde que essa aquisição seja para a mulher uma maneira de realizar a sua vocação de mulher, a sua missão de mãe. No entanto, parece-me indispensável fazer uma restrição que decorres da psicologia. Com efeito é do saber comum que para ser possível a cada homem despertar e aprofundar as suas virtudes ou aptidões



é necessário que tenha presente o objecto em que a virtude ou a aptidão se vão exercer. Ora para a mulher, por via da sua própria missão maternal, o objecto da sua vocação é sempre o ser humano. As coisas ou as teorias raramente têm conteúdo humano suficiente para equacionarem a imensa possibilidade de dom que a mulher tem em si. Não parece pois muito aconselhável para a maioria das mulheres o exercício de certas profissões em que não se vê imediatamente a repercussão humana do trabalho. Outros domínios há em que a sua atitude maternal pode ser mais facilmente concretizada e até, em certa medida, insubstituível. É o caso do ensino, do serviço social, dos cuidados aos doentes, de algumas funções públicas, de todos os cargos e de todos os trabalhos em que um autêntico trabalho de educação é necessário.

No estado actual do mundo é indispensável estudar as dificuldades da sociedade em que vivemos e determinar com clareza os lugares em que a mulher é mais necessária. E ter a honestidade de lhos confiar. Na medida em que a civilização se aperfeiçoar, na medida em que a Universidade passar a exercer seriamente a missão de orientadora da vida social, a presença da mulher vai sendo cada vez mais exigida, pela descoberta de funções onde ela pode, melhor do que o homem, ajudar a construir um mundo novo.

É claro que nesta base a clássica distinção entre profissões femininas e não-femininas é nitidamente ultrapassada. Em todas as profissões a mulher pode valorizar-se e servir, embora algumas lhe estejam especialmente adequadas como algumas estão especialmente adequadas ao homem. No entanto essas profissões onde ela é mais necessária como mulher não se identificam com o que habitualmente se chama profissão feminina e contêm muito mais campos de acção do que aqueles que são habitualmente assinalados. Nesta concepção é pouco provável que um trabalho de análises num laboratório ou de contabilidade numa companhia de seguros constituam profissões adequadas à mulher e é muito provável que um lugar de ensino na Universidade seja uma possibilidade de valorização feminina excepcional.

Pode dizer-se que no mundo moderno há missões que só a mulher universitária está em condições de realizar. Não se trata por certo de funções totalmente novas ou excepcionais; trata-se



porém, de funções em que uma alma feminina e uma inteligência universitária são necessárias. A imensidade de tarefas a empreender podem agrupar-se em cinco sectores fundamentais, em que a acção da mulher universitária é insubstituível e cada vez mais indispensável: "a restauração da família, a educação feminina, o saneamento dos costumes, a elevação social, a paz internacional".

Pede-se-lhe um exemplo de santidade pessoal onde a sabedoria seja a irradiação mais forte da caridade; espera-se a sua acção directa sobre as almas, amando-as e esclarecendo-as; exige-se-lhe uma acção política, social, cultural, doutrinal, que possa erguer novas e eficazes estruturas onde ainda não existam, que possa orientar e formar os espíritos na busca do Bem e da Verdade.

É evidente que a mulher universitária solteira está em melhores condições, poque máis livre, de actualizar todas essas possibilidade des presença no pênramento e na vida social. E pode dizer-se que a sua presença no mundo moderno é um dado novo na nossa época, e traz um contributo novo, específico e insubstituível, à sociedade e à Igreja, O laicado missionário, os problemas sociais, os sectores do pensamento a que a mulher não deu até hoje o contributo próprio, o estudo e a reorganização de todos os sectores da vida social que mais fundo totam na realização da personalidade feminina ² tais são alguns dos campos abertos à sua actividade.

Mas, mais directamente votada à família e à ducação dos filhos, a mulher universitária casada tem também uma contribuição completamente nova a dar à família, à sociedade e à Igreja. A sua vocação maternal, não fica esgotada pelá educação dos filhos e pelas terefas concretas da vida familiar. Ligada a este aspecto da vocação maternal, a missão materbal social é fundamentalmente no mundo de hoje e não tem sido suficientemente posta em evidência até aos nossos dias. É evidente que para a maioria esta missão não será realizada através do exercício duma profissão o que não compromete o contributo universitário pois a profissão não esgota as possibilidades de serviço dos universitários. Por um lado, o lar da mulher universitária pode ser o núcleo de vida das comunidades em que se insere (as relações

socialis, a paróquia, a aldeia, etc..) Por outro lado, a sua dupla existência de mulher casada e de mulher universitária, fornece-lhe elementos novos para melhor compreender os problemas de direito familiar, de moral conjugal, de psicologia das crianças e dos adolescentes e muitos outros; com estes dados estará incontestavelmente mais apta a servir as comunidades religiosas, familiar e civil levando-lhes uma contribuição específica enquanto experiência reflectida e doutrina actualizada na vida.

Fundação Cuidar o Futuro





V - A realização da vocação universitária feminina

Como se realiza na prática esta vocação? A primeira dificuldade que encontramos na sua realização resulta da própria deficiência da instituição universitária. E não só porque não tem uma orientação feminina mas sobretudo porque não tem uma orientação humana. Guiada por um espírito utilitário e empírico, está longe de satisfazer as condições fundamentais para formar uma elite de dirigentes. Distribuindo um conhecimento parcelar, não alicerçado nas fontes, comprometendo a inquietação cultural dos estudantes, facultando a generalização dos meios ilícitos de triunfo, a Universidade não está a formar universitários. E fundamentalmente por essas razões não está a formar mulher universitárias. A única solução está qui na tão pedida reforma da Universidade mas uma reforma que assente num estudo sério. Para além deste aspecto que é o fundamental ficaria de pé a questão de saber se a Universidade mesmo idealmente estruturada estaria adaptada à mulher. Penso que não seriam então necessárias profundas reformas de base mas uma grande maleabilidade no ensino, multiplicando as possibilidades de opção em cada "currículo" para permitir às raparigas escolherem aquilo que realmente lhes conviesse. Isto suporia que uma sã e esclarecida orientação profissional estaria em condições de indicar às raparigas as disciplinas que tivessem para elas maior interesse, respeitando, como é evidente, as vocações excepcionais. (Digo esclarecida orientação profissional porque temo sempre aqueles que identificam disciplinas com interesse para as raparigas com colinária e ecónomia doméstica, conhecimentos esses sem dúvida indispensáveis mas que não cabe à Universidade fornecer; o seu lugar, e importante, é durante a formação da adolescente). É certo que em alguns países a solução se procurou na criação de Faculdades especiais para raparigas. Mas apenas em França e no Instituto Católico de Paris essa Faculdade surgiu com o carácter de programa adaptado às raparigas. Nos outros países onde se usa o sistema não traduzem senão à escala universitária o que aconteceu com o nosso País nos outros escalões do ensino: uma separação física dos estudantes dos dois sexos sem que a essa separação tenha correspondido uma conveniente orientação

para cada sexo. Foi uma maneira demasiado simplista de interpretar as palavras de Pio XI na Divini Illius Magistri quando disse que "a diversidade dos sexos se deve manter e favorecer na formação e na educação salvaguardando a distinção necessária, com a separação correspondente".

Nos Estados Unidos da América, onde o sistema nasceu não se sabe bem porquê mas onde se encontra perfeitamente enquadrado no **régime** especialíssimo de ensino que lá vigora, começou-se há pouco tempo a pensar que talvez não fosse errado aproveitar a circunstância de terem as raparigas uma educação separada para lhes ministrar um ensino especializado.

O sistema tem, a meu ver, o perigo de, numa sociedade não muito evoluida no que diz respeito ao destino e missão da mulher, acabar por permitir a identificação de feminilidade com baixo nível intelectual. Não é um caso esporádico o das pessoas que identificam feminilidade com cabeça oca e o daquelas que entendem que a única função intelectual adequada à mulher é a de classificar patas de aranha. E como quando se trata de problemas femininos todos os homens entendem dever sempre pontificar (ilegítima extrapolação da experiência doméstica) nada nos garante a adequação dos programas.

Mas outras dificuldades derivam não da Universidade mas da própria rapariga. Por um lado, mais directamente apta a entrar em ressonância com todos os valores humanos que a cercam, é profundamente atingida pelos problemas familiares e muitas vezes pessoais (sobretudo de vocação) em que se encontra envolvida. Daí que a sua atitude intelectual seja nitidamente marcada pelos acontecimentos e até pela sua própria evolução psicológica. Tal influência, analisada superficialmente, é frequentemente interpretada como incapacidade.

É claro que o desequilíbrio intelectual será tanto menos grave quanto mais humano for o "curriculum" universitário.

Por outro lado, a rapariga universitária vive ainda intensamente a influência de um conceito de feminilidade que nos séculos passados os homens construíram. Para quase todas a gente a feminilidade identifica-se e restringe-se a meia dúzia de sinais exteriores em que não pesam pouco as modas e as atitudes. Sem pre-



tender negar esse aspecto, não posso deixar de o considerar secundaríssimo e tendo unicamente sentido quando ocorre duma feminilidade autêntica que interiormente se aprofunda.

A universitária parece em muitos casos desconhecê-lo porque nela, como em todas as criaturas humanas, é fortíssima a tentação do caminho mais fácil e dos quadros rotineiros.

As dificuldades que provêm do meio social são o reflexo de uma mentalidade feral pouco esclarecida, eivada de preconceitos que o atavismo não permite quebrar.

Apesar da declaração universal dos direitos humanos da ONU (todos somos livres e iguais em dignidade e direitos, sem distinção de raça, cor ou sexo) a sociedade vive ainda a cômoda atitude de considerar a mulher como uma raça à parte e um tudo-nada inferior. Quando se debruça sobre os problemas familiares fá-lo, regra geral, com tal falta de rigor lógico que a solução que defende é quase sempre errada. No entanto, apesar da convicção generalizada de que nos estudos universitários a mulher é inferior ao homem, estabeleceram-se durante o I Congresso da JUC um índice a que chamamos graus de universitariedade. Considerá-
mos 4 escalões a que corresponde as seguintes características:

1 - Só fixam o que percebem e procuram resolver as dificuldades; nunca tiveram explicador	31% M 40% H
2 - Satisfazem a 1 e consultam bibliografias	15% M 19% H
3 - Satisfazem a 2 e lêem revistas da especialidade	7% M 11% H
4 - Satisfazem a 3 e traçam planos de estudo no início do período	5% M 7% H

Ora estas percentagens reproduzidas em gráfico têm uma interpretação curiosíssima: é que as duas curvas têm um andamento idêntico, mostrando que a distribuição dos alunos universitários muito, pouco e medianamente conscientes é análoga para os dois sexos. Na verdade uns e outros enfermam de defeitos semelhantes que a Universidade cultiva mas que já trazem do ensino secundário. Aí a dispersão das disciplinas, a execução nos moldes da





escola tradicional de programas que foram elaborados para a escola activa, a ausência duma doutrina de fundo a orientar o ensino, impedem a formação séria de mentalidades adultas ou pelo menos humanamente evoluídas.

Embora na sociedade de hoje pareça haver completa liberdade para a mulher determinar a sua vida, o certo é que há uma real discriminação que lhe dificulta o acesso a determinadas funções. Restringe-se praticamente o acesso das mulheres à educação universitária e isto porque se restringe o seu acesso às formas anteriores de educação. No nosso País o número de raparigas na Universidade é da ordem de 3.500 o que perante as 4.000.000 de mulheres do nosso país dá a percentagem de 87%.

Em rebação à população total da Universidade (11.000 rapazes e 3.500 raparigas) a percentagem é de cerca de 30% o que nos dá um lugar ao lado de mais cinco países da Europa onde a proporção varia de 25 a 39%. Fora da Europa têm, 1 percentagem idêntica 1 país de África, 2 da América do Norte, 1 da América do Sul e 2 da Ásia. Em 45 países a percentagem é inferior a 25%. No Panamá de 46%. No Porto Rico é igual à dos rapazes. E na Nova Zelândia a percentagem é maior que a dos rapazes. Isto é sem dúvida fruto da uma educação de base generalizada e acessível a todas as camadas sociais.

Mesmo nos países onde não há problemas jurídicos ou económicos, há quase sempre obstáculos psicológicos, e formas antiquadas de ver o problema. Aí não escapam mesmo os países novos. Num artigo recente da revista da WAY uma notável mulher viuva assinala que no seu país, a Austrália, os obstáculos aparecem muitas vezes sob uma forma pragmática a que não fogem mesmo alguns defensores de concepções da vida menos materialistas.

Interrogam-se os países (e a sociedade) sobre as vantagens de uma rapariga frequentar a Universidade se de qualquer modo a rapariga acaba por se casar. Depois de tudo o que temos vindo a dizer, a pergunta afigura-se-nos pelo menos tola. Como nota a autora do citado artigo, esta atitude tem no fundo a mesma razão fundamental que inspira os muçulmanos mantendo a mulher completamente resguardada desde o começo da adolescência, na convicção de que é tempo perdido instruir uma mulher que está destinada a consagrar todo o seu tempo ao seu lar a aos seus filhos. Esta atitude



de enferma de vários vícios e de bastante ignorância. Não desconhece só o verdadeiro sentido da vocação universitária que é sobretudo, como já disse, uma consagração ao serviço da Verdade na simplicidade das coisas essenciais. Ignora também o sentido da vida familiar e da vocação matrimonial para a mulher e até o valor que têm como actividade económica as tarefas domésticas. Na verdade, como acentua Lucienne Noblet no número especial do Jornal da UNESCO sobre os problemas femininos, os economistas de algumas grandes nações têm vindo a descobrir que a mulher que não trabalha, isto é, a mulher que é sobretudo mãe de família desenvolve uma actividade tão intensa e productiva que o Estado lhe deve parte das suas riquezas. Nos últimos tempos, 4 grandes países (Os Estados Unidos da América, a Inglaterra, a França e a Bélgica) acabam de calcular simultaneamente o valor do trabalho das mulheres em casa, determinando assim uma corrente de pensamento que caracteriza a nossa época. Em França o cálculo conduziu ao surpreendente resultado de que o total das actividades económicas e familiares, calculadas em horas de trabalho é maior em 4 mil milhões de horas que o total das actividades económicas propriamente ditas. Os números dos restantes países são aproximados a estes.

Evidentemente que teria interesse atribuir a estes trabalhos domésticos um coeficiente de salário na verdade isso é impossível, como é óbvio, pois alguns deles não têm preço. A importância económica da missão familiar ajuda-nos por certo a compreender o benefício que a formação universitária pode trazer-lhe. Se há organização científica do trabalho em todas as outras actividades humanas, por que não haverá aqui também? Isto não exclue, evidentemente, toda a maleabilidade e todo o espírito que as coisas humanas requerem. Antes, dá uma maior possibilidade de se ficar livre para as coisas que verdadeiramente contam. E aqui toco o segundo ponto que as pessoas parecem esquecer. É que para além de todas as actividades concretas da vida familiar, a missão da mulher como esposa e como mãe é antes de tudo uma actividade espiritual tanto mais fecunda quanto mais rica a personalidade da mulher que a realiza.

Numa revista indiana, um artigo escrito por uma mulher da Índia (onde estes problemas se põem com facetas curiosíssimas)



acentua esta mesma ideia dizendo: "Quando uma mulher distribui o seu tempo entre a cozinha e a costura e considera que cumpriu o seu dever, elas está falhando nas qualidades essenciais da vida que não são funções mecânicas mas um sentido profundo de amor e de interesse por cada um dos seres humanos que a rodeiam".

Como se comportam os meios católicos perante o problema? Do estudo que no ano passado tive de realizar no âmbito de Pax Romana sobre as questões femininas e abrangendo todos os continentes pude tirar as seguintes conclusões:

- a sociedade tem uma ideia completamente falseada da feminilidade e da missão específica da mulher
- a vocação universitária é encarada a partir das vantagens sociais ou económicas
- a escola secundária e a própria Universidade não ajudam a por em relevo o sentido da vocação universitária feminina
- só entre uma escassa elite de universitárias há uma certa inquietação na descoberta e aprofundamento da sua missão específica
- a maior parte das organizações universitárias católicas de estudantes está estudando seriamente a situação da mulher universitária nos seus países. Enquadradas em Universidades que não se preocupam com a orientação feminina da personalidade das estudantes estas organizações raramente têm encontrado uma linha de rumo perfeitamente adequada às raparigas.
- se a maior parte das raparigas universitárias desconhece as profundas implicações da sua vocação, pode dizer-se que a totalidade da população masculina ignora completamente. Tal facto cria uma dificuldade extrema à realização da vocação universitária feminina que não encontra da parte da sociedade a ajuda e a exigência necessárias.

Que se pode dizer como conclusão?

Parece evidente que além de qualquer reforma orgânica, interessa sobretudo uma profunda renovação da mentalidade existente sobre a presença da mulher na Universidade. Tal renovação da mentalidade geral só é possível quando corresponder a uma renovação da mentalidade de cada um. Impõe-se por isso o estudo do problema ou pelo menos a atitude honesta de guardar silêncio sobre o que se não conhece ou não se estudou.

Esta modificação do clima de pensamento será evidentemente uma acção a desenvolver a longo prazo e nela têm especial responsabilidade os universitários dos dois sexos. Sendo um problema do ser humano, o estudo do problema feminino não se circunscreve unicamente às mulheres.

Mas não basta modificar o ambiente. É necessário tornar as instituições conformes com o fim a que se destinam. Uma Universidade plenamente humana, aberta às necessidades profundas do espírito dos estudantes é indispensável para que tenhamos, sem ser unicamente por excepção, mulheres universitárias plenamente conscientes e responsáveis.

E para que na Universidade estejam unicamente presentes e nela se formem as mulheres que são naturalmente capazes e competentes, é necessário que a Universidade seja mais íntegra no desempenho da sua missão para ter a autoridade de ser mais exigente.

